

Editorial

Tornar-se Sujeito: “sujeito a” ou “sujeito de”? Etimologicamente, o primeiro uso moderno da palavra sujeito aparece no Francês antigo, em 1315, com o sentido de “pessoa sob o controle ou domínio de alguém”. A palavra vem do Latim: *sub* “abaixo” + *jacere* “lançar” — literalmente, “lançado abaixo”. Sujeitar significa “tornar sujeito pelo uso da força; tornar submisso e dependente”. Posteriormente, apareceriam outros usos — nos sentidos, por exemplo, de “pessoa sobre a qual se age”, e, no campo da Lógica, de “fundamento de uma proposição”. (HARPER, Etymology Dictionary, 2001) O uso no campo da Gramática data do século XVII.

Historicamente, somos formados para *nos sujeitarmos a* uma vida sem Poesia, que nos aliena a todos, ao nos converter em mercadorias lançadas ao mercado capitalista; que condena tantos à mera subsistência; que nos impõe a violência, as agressões ao meio-ambiente, a discriminação, a indiferença. Mas a falta de poesia é, também, o esquecimento do sentido original da Política, como o campo da discussão livre do nosso destino comum na diversidade; daquilo que podemos fazer para tornar mais feliz a vida de cada um e cada uma; do sentido da vida em comunidade.

Este número de Arqueiro traz contribuições de diversos campos à reflexão.

Vamos conhecer um pouco mais, por exemplo, acerca das questões relativas à surdez nos campos da Psicologia e da Psicanálise, destacando-se as diferenças entre esses domínios do saber e as diferentes relações de cada um deles com a identidade / alteridade na constituição do sujeito surdo.

Descobriremos que as ações de um programa de apoio à educação de surdos nos convidam a refletir acerca da condição multicultural dos surdos como base para se postular uma educação bilíngüe, tanto na proposta de escolas inclusivas quanto na de escolas para surdos.

Veremos que, com poucos recursos, muita criatividade e, principalmente, trabalhando as relações do Fazer com a pessoa (corpo, afeto, auto-estima); com o meio-ambiente (preservação, reciclagem)

e com o meio social (acesso à cultura e à produção de bens culturais), é possível desenvolver habilidades de pessoas surdas na perspectiva de potencializar sua realização.

Tomaremos conhecimento de uma prática interinstitucional de inserção de pessoas surdas no trabalho — pessoas que buscam afirmar-se como *sujeitos de direito* à educação e ao trabalho, e não como *objetos de* práticas caritativas.

Saberemos um pouco sobre o advento do ensino superior bilíngüe no INES, uma conquista dos surdos compartilhada com os ouvintes, numa perspectiva multicultural.

E refletiremos sobre as possibilidades de se criar uma escola que proporcione à criança a vivência poética do conhecimento. Poética e Política, podemos dizer — em que se desinventam disciplinas, desaprendem regras, abrem fendas nas práticas petrificadas, problematizam certezas.

Quem sabe um caminho para que os seres humanos *sujeitados* de Hoje ergam-se do chão onde foram lançados, e, “em palavras, sinais e ações compartilhadas”, tornem-se *Sujeitos* — autores do Amanhã.

Alexandre Guedes Pereira Xavier